

## **A BANALIDADE DO MAL: O EXCESSO DE VIOLÊNCIA NA MÍDIA**

**Denise Vilche Sepulveda<sup>1</sup>**

### **Resumo:**

Quando Hannah Arendt cobriu o julgamento de Adolf Eichmann, acusado por sua participação no extermínio de judeus, a teórica política procurava compreender como a violência podia ser praticada de forma tão natural, como se fizesse parte do cotidiano. Cinquenta anos depois, a dona de casa Fabiane de Jesus, de 33 anos, foi confundida com uma mulher que raptava crianças para usar em rituais de magia negra e foi espancada até a morte. Esse artigo busca compreender como a mídia pode ter contribuído para a banalização do mal na sociedade, através do excesso de violência mostrado nos meios de comunicação.

**Palavras-chave:** Violência na mídia. Webjornalismo. Teoria da Dessensibilização. Banalização do mal. Sensacionalismo.

### **Introdução**

Quando Hitler assumiu o poder na Alemanha em 1934, ele visava assegurar um espaço de convivência e planejava eliminar quem ele acreditava ameaçar a união, moral e força alemã. Os judeus acabaram sendo escolhidos como principais inimigos e, durante a Segunda Guerra Mundial, que teve início em 1939, estima-se que mais de seis milhões de judeus perderam a vida de forma cruel em campos de concentração espalhados pela Europa, culminando em um dos maiores genocídios da história da humanidade.

Um dos responsáveis pelo transporte dos judeus a esses campos de extermínio foi Adolf Eichmann, que trabalhava no escritório de Emigração no governo alemão e era o responsável por autorizar o transporte de milhares de pessoas aos campos. Capturado em Buenos Aires no dia 11 de maio de 1960 e transportado para Jerusalém, onde seria julgado, Eichmann foi acusado de cometer crimes contra os judeus, contra a humanidade, crimes de guerra, entre outros. A teórica política Hannah Arendt cobriu o julgamento de Eichmann,

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: denisevilche@gmail.com.

ocorrido em Jerusalém, como correspondente da revista The New Yorker. Suas colunas e, posteriormente, seu livro causaram polêmica.

O principal ponto de polêmica foi a imagem que Arendt tinha de Eichmann. Descrito como um monstro, Arendt não conseguia ver naquele burocrata sentado atrás de uma cabine de vidro na corte israelense o monstro que todos enxergavam. Acusada de simpatizar com Eichmann, Arendt foi incompreendida. Para a teórica, Eichmann era apenas um sujeito ordinário, incapaz de pensar e cujo maior erro foi cumprir ordens sem questionar. Para Arendt, Eichmann não teria agido sem consciência, mas não foi capaz de pensar no que estava prestes a fazer. Pensar, segundo a teórica, talvez não fosse a palavra mais adequada, mas sim refletir. Reflexão que faltou aos líderes do regime nazista.

Aos que a acusaram de desculpar o totalitarismo, Arendt se defendeu, afirmando que "compreender o totalitarismo não é desculpar nada, mas nos conciliar com um mundo onde tais coisas são possíveis" (ARENDR, 2008, p. 331). O maior medo da teórica era que o nazismo fizesse surgir pessoas sem intenção e sem reflexão. A banalidade do mal, termo usado por Arendt, não diz respeito ao número de pessoas assassinadas, mas à maneira que tais atos foram realizados como se fossem tarefas simples do cotidiano. Enviar milhares de judeus para um campo de extermínio foi feita com a mesma naturalidade com que se pagar uma conta no banco. O que incomodava Arendt era justamente a falta de oposição, principalmente política, diante de tamanha brutalidade.

A originalidade do totalitarismo é atroz, não porque surgiu alguma nova 'ideia' no mundo, mas porque suas ações constituem uma ruptura com todas as nossas tradições; elas demoliram indiscutivelmente nossas categorias de pensamento político e nossos critérios de julgamento moral. (ARENDR, 2008, p. 332)

## **Efeitos do excesso de violência na mídia**

Mais de cinquenta anos depois, em maio de 2014, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus foi erroneamente confundida com uma mulher que estaria raptando crianças para usar em rituais de magia negra, depois que um "retrato falado" foi publicado na internet. Encurralada pelos moradores do bairro onde morava no Guarujá, litoral do Estado de São Paulo, Fabiane foi espancada até a morte, com todas as agressões sendo filmadas pelos participantes. Após a descoberta de sua inocência, os moradores se defenderam, afirmando

que ninguém poderia ser considerado culpado pela morte dela e que o linchamento era visto por eles como algo normal.

No caso de Fabiane de Jesus, devemos nos perguntar como tais atos puderam ocorrer e como a mídia pode ter influenciado nessa perda de sensibilidade, a ponto de espancar outro ser humano até a morte ser visto como algo normal.

Se antes a violência explícita da mídia estava contida em programas denominados sensacionalistas, hoje vemos a expansão da violência em veículos de comunicação que até então eram conhecidos pelo público por seu conteúdo mais contido. Vídeos e imagens precedidos de uma tarja com um aviso sobre o teor forte do conteúdo podem ser encontrados com cada vez com mais frequência, principalmente nos portais de notícias online.

Estudos sobre os efeitos da violência na televisão são realizados desde o começo do século XX e as opiniões de dividem. Por um lado, estudiosos defendem que os meios de comunicação, principalmente pela violência exibida por eles, são capazes de influenciar o comportamento das pessoas.

O teórico húngaro, radicado nos Estados Unidos, George Gerbner propôs a Teoria da Cultivação. De acordo com essa teoria, o tempo de exposição de uma pessoa à violência na mídia pode influenciar sua percepção da realidade.

George Gerbner e seus colegas, que batizaram essa visão de mundo como 'a síndrome mundial da malvadez', concluíram com base em exame intenso das audiências de televisão durante muitos anos que a exposição de longo termo à televisão, na qual a violência é virtualmente inevitável, tende a cultivar a imagem de um mundo relativamente perigoso e malvado (MCCOMBS, 2009, p. 53).

Os efeitos do excesso de violência na mídia são estudados também pela psicologia. É o caso das pesquisas realizadas pelo psicólogo Rowell Huesmann, professor do departamento de psicologia da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, que alertam para o risco da exposição exacerbada à violência na mídia.

Huesmann (2007) define dois tipos de efeitos para a exposição prolongada à violência na mídia: os efeitos de curto e os de longo prazo. Os efeitos de curto prazo são divididos em três fases: priming, excitação e mímica.

Na fase priming, ocorre um processo de ativação de uma rede de neurônios, que acaba estimulando um nódulo cerebral responsável pela cognição, emoção ou comportamento. Essa ativação acontece depois de receber um estímulo externo. Esse estímulo externo pode ser a imagem de uma arma ou uma pessoa negra, que o preconceito associa com a figura de um criminoso. Quando esse conceito é associado com violência, gera uma resposta agressiva na pessoa.

Na fase de excitação, o comportamento agressivo é ativado pelo excesso de violência mostrado na mídia. Agitada pelas imagens vistas, a pessoa pode atingir picos de inibição de respostas apropriadas, sendo agressivo na resolução de problemas sociais.

Na terceira fase, a da mímica, pode ocorrer a imitação de comportamentos violentos específicos. Apesar de ser mais observado em crianças, exemplos recentes nos mostram esse efeito em adultos, como nos recentes casos em que ladrões foram capturados pela população e amarrados a postes. Depois do primeiro caso noticiado, a “solução” foi copiada diversas vezes.

Um dos efeitos de longo prazo atinge mais as crianças. No processo de aprendizado observacional, o comportamento social da pessoa é controlado por normas sociais aprendidas, principalmente nas três fases da infância. Esse código de conduta também é construído pelo que a pessoa vê ao seu redor ou na mídia. Crianças expostas repetitivamente à violência podem ter esse código moral afetado e passar a agir com agressividade.

A perda da sensibilidade é outro efeito de longo prazo. Para Huesmann (2003), quando uma pessoa é exposta a violência todos os dias através da mídia, pode ocorrer um fenômeno que o pesquisador chama de “Teoria da Dessensibilização”. De acordo com essa teoria, o corpo tem uma resposta fisiológica negativa natural ao se deparar com cenas violentas. Os sintomas costumam ser o aumento dos batimentos cardíacos, sudorese e desconforto. Com uma exposição contínua, a pessoa acaba se acostumando com a violência vista todos os dias na mídia e, como consequência, perde a resposta fisiológica diante dos fatos, passando a ser indiferente aos acontecimentos. Com isso, planejar e executar um ato violento também se torna mais fácil.

No caso do espancamento ocorrido no Guarujá, pais levaram seus filhos para acompanhar o linchamento. Para o pesquisador norte-americano, quanto mais a criança for

exposta à violência, mais propensa será a ter um comportamento agressivo no futuro, como foi observado em muitos de seus estudos. O mesmo é atestado pela pesquisadora Nancy Cardia, em estudo feito pelo Núcleo de Pesquisa da Violência da Universidade de São Paulo (USP). De acordo com Cardia, o processo de dessensibilização seria uma resposta patológica diante da exposição da violência.

A dessensibilização implica em subestimarem as consequências da violência para suas vítimas culparem as vítimas pelo que lhes ocorre, processo também denominado de exclusão moral – uma espécie de anestesia moral ou de desligamento baseado na crença em um ‘mundo justo’ – coisas ruins acontecem às pessoas que fizeram algo ruim. (...) normalizar a violência resulta também em reduzida capacidade de confiar no outro, ou de se vincular ao outro (KLIEWER et al., 2001) e menor interdição quanto a prática de violência (HALLYDAY-BOYKINS & GRAHAM, 2001) (CARDIA, 2003, p. 301).

## **A banalização do mal nos meios de comunicação**

Um especial divulgado pelo portal G1 em 2014 sobre linchamentos no Brasil mostra dados emitidos pelo Núcleo de Pesquisa sobre Violência da Universidade de São Paulo (USP) que revelam um aumento nos casos de agressão quando um caso de linchamento recebe uma cobertura especial da mídia. Só em 2014, foram mais de 50 casos, sendo pelo menos nove no mês de maio, data do linchamento ocorrido no Guarujá.

O jornalista Eugênio Bucci, em entrevista ao portal UOL em maio de 2014, afirma que a imprensa contribuiu, com o sensacionalismo, para a criação de uma cultura de violência. "A maneira desrespeitosa com que alguns programas de rádio e TV tratam os suspeitos pobres no Brasil, estigmatizando, ajuda a criar esse ambiente explosivo" (BUCCI apud ALESSI; CYMBALUK, 2014).

Para o jornalista, a mídia precisa ser mais consciente em suas coberturas sensacionalistas, já que com as redes sociais, qualquer pessoa pode repassar informações de forma errônea e sem o devido discernimento. Para a jornalista Susie Linfield, fotos e imagens envolvendo crianças devem ser tratadas com cuidado.

Porque fotografias de crianças podem tão facilmente enfraquecer a capacidade do espectador de formar juízos ponderados, elas são o veículo perfeito para nutrir

soluções simplórias e vinganças impensadas em vez de sabedoria política (LINFIELD, 2010, p. 131. Tradução da autora).

O filósofo francês Edgar Morin (1984) afirma que a cultura de massa tem como diferenciação das outras culturas, o fato de exteriorizar maciçamente a violência, seja através de livros, televisão, cinema ou jornais.

Bofetadas, golpes, tumultos, batalhas, guerras, explosões, incêndios, erupções, enchentes, assaltam sem cessar os homens pacíficos de nossas cidades, como se o excesso de violência consumido pelo espírito compensasse uma insuficiência de violência vivida (MORIN, 1984, p. 99).

Não é só nos vídeos que o excesso de violência preocupa. A discussão sobre a violência exposta em fotografias também é extensa. Há quem defenda que, ao exagerar no uso da violência nas fotografias, o efeito da perda de sensibilidade pode ser o mesmo do que nas imagens exibidas nos telejornais diários.

Inúmeros outros críticos fizeram a mesma observação, frequentemente culpando o fotojornalismo pela criação da tão-falada fadiga de compaixão. Mesmo alguns fotógrafos concordam; Alfred Jaar, um admirável autoreflexivo artista conceitual, que frequentemente usa fotografias, condena o ‘bombardeio de imagens (...) que nos anestesiou completamente’ (LINFIELD, 2010, P. 45-46. Tradução da autora).

Há quem afirme que a perda da sensibilidade é falsa, já que humanidade nunca teve empatia com o próximo. Para Susie Linfield, a falta de compaixão entre os seres humanos já vêm de longa data. “A vulnerabilidade é algo que cada ser humano compartilha; a crueldade é algo que estraçalha nosso próprio sentido do que significa ser humano” (LINFIELD, 2010, p. 39).

Isso fica evidente em dois recentes casos. Na queda de um viaduto em Belo Horizonte, Minas Gerais, horas após o acidente que matou duas pessoas, vídeos gravados no local por transeuntes já eram veiculados em diversos veículos de comunicação. As imagens fortes

começavam mostrando uma jovem deixando o micro-ônibus atingido pelo viaduto, toda ensanguentada. Do outro lado, duas mulheres desorientadas choravam na calçada.

A frieza para pegar o telefone celular e filmar as imagens, por mais mórbidas que possam parecer, ao invés de ajudar as vítimas também pode ser encontrada em outro vídeo veiculado pelo portal Globo.com. Nas imagens, é possível ver uma mulher sendo agredida por outra, na frente do filho de dois anos. O mais chocante nas imagens não é a agressão em si, mas o fato de que várias pessoas pararam para filmar a cena, sem se preocupar em ajudar a pessoa agredida. O único a tentar separar a briga foi o filho da agredida, que tentava chutar a mulher que batia em sua mãe.

O policial John Pelura, da polícia de Nova Jersey, local da agressão relatada acima, resumiu a mudança de padrões morais da sociedade. “Há uma falha moral na nossa sociedade, que fica evidente quando uma mulher apanha em plena luz do dia em frente ao seu filho e há uma dúzia de pessoas que pegam seus celulares para filmar em vez de pedir ajuda” (Associated Press, 2014). Para Ariadne Natal, do Núcleo de Estudos da Violência da USP, “isso mostra o quanto o linchamento é aceitável. A vítima é deposta de qualquer humanidade e, por isso é aceitável gravá-la” (NATAL apud ALESSI; CYMBALUK, 2014).

Por outro lado, há quem defenda o uso de imagens violentas, com o intuito de chocar a sociedade. Para alguns estudiosos, a exposição à violência deve ser feita para que possa gerar uma reação na população. Assim, vendo casos de extrema violência, como os praticados na África por milícias que mutilam suas vítimas ou no Oriente Médio, onde temos vítimas de guerras, deveríamos nos sentir incomodados com tais situações a ponto de agir para que isso deixe de acontecer. “Ninguém quer ver; ninguém quer ouvir. Nós temos que forçá-los a ver, então. Tem que haver o terrorismo do olhar” (LÉVY apud LINFIELD, 2010: 138. Tradução da autora).

## **A perda da ação política e do senso comum**

A crítica cultural Beatriz Sarlo (2000: 77) lembra, nesse contexto, que “o público recorre à televisão para alcançar aquelas coisas que as instituições não garantem: justiça, indenizações, atenção”.

De acordo com Hannah Arendt, a recorrência do público para a mídia como forma de ter seus direitos respeitados é parte do processo de perda de ação política.

A vida dos povos, segundo Montesquieu, é regida por leis e costumes; (...) As leis estabelecem o âmbito da vida pública política, e os costumes, o âmbito da sociedade. A queda das nações começa com o enfraquecimento da legalidade, seja por abuso do governo no poder, seja porque a autoridade da fonte dessas leis se torna duvidosa e questionável. Nos dois casos, as leis deixam de ser consideradas válidas. Daí resulta que a nação, junto com a “crença” em suas próprias leis, perde a capacidade de ação política responsável; as pessoas deixam de ser cidadãs no sentido pleno do termo (ARENDDT, 2008, p: 338).

Para a teórica política, a sociedade perdeu o senso comum e a necessidade de compreensão. O senso comum é, segundo Arendt (2008: 338-339), o “saber herdado que todos os homens compartilham em qualquer dada civilização.” São as normas de convivência que determinam se é correto ou não linchar uma pessoa até a morte. “O conteúdo da verdadeira compreensão, se ela não quiser se perder nas nuvens da mera especulação – risco sempre presente -, deve sempre continuar a ser aquela pista dada pela compreensão preliminar” (ARENDDT, 2008, p. 335).

Para Hannah Arendt (2008), a compreensão preliminar é o que confere significado ao conhecimento. E o senso comum acabou dando lugar à logicidade, o que Arendt credits como sendo uma característica do totalitarismo. A mudança para a lógica causa uma mudança de ideologia e traz consigo ideias deturpadas.

A principal distinção entre lógica e senso comum é que este presuppõe um mundo comum em que todos nós cabemos, onde vivemos juntos porque possuímos um senso que controla e ajusta todos os dados sensoriais estritamente particulares aos de todos os outros; ao passo que a lógica e toda a evidência com que procede o raciocínio lógico podem alegar uma confiabilidade totalmente independente do mundo e da existência de outras pessoas (ARENDDT, 2008, p: 341).

Sentir satisfação em ver a morte alheia vem desde a Idade Média, quando as execuções públicas ou o sacrifício de hereges queimados em fogueiras acendidas em praça

pública eram comuns e atraíam multidões. Os casos de agressões públicas faziam parte do cotidiano da população até o final do século XVIII, quando os condenados por crimes eram executados com a presença dos moradores. A morte dos supostos criminosos não se dava sem antes o acusado ser espancado com crueldade e gritar para quem estivesse assistindo, os crimes cometidos, conforme descreve Foucault:

Mas nessa cena de terror o papel do povo é ambíguo. Ele é chamado como espectador: é convocado para assistir às exposições, às confissões públicas; os pelourinhos, as forcas e os cadafalsos são erguidos nas praças públicas ou à beira dos caminhos; os cadáveres dos supliciados muitas vezes são colocados bem em evidência perto do local de seus crimes. As pessoas não têm que saber, mas também ver com seus próprios olhos. Porque é necessário que tenham medo; mas também porque devem ser testemunhas e garantia de punição, e porque até certo ponto devem tomar parte dela (FOUCAULT, 2013, p: 57).

Com o tempo, o corpo passou a ser considerado intocável e as execuções passaram a ser mais rápidas e escondidas do olhar do povo. Com os novos casos de linchamento, passamos a ter a execução em praça pública, onde os “condenados” são executados sem direito a um julgamento justo.

Apesar da Revolução Cultural ter sido desacreditada, levanta questões políticas e filosóficas que valem a pena dar mais do que uma olhada rápida.. Sua característica mais distinta e horrível – o uso do ritual de humilhação pública como uma ferramenta de mudança política e união social – não é totalmente *sui generis* e pode ter algo a dizer sobre nossos próprios desejos de pureza, nossas próprias vulnerabilidades para a sedução da conformidade, e nossas próprias capacidades de causar humilhação. Nos diz algo, também, sobre o que acontece com uma sociedade que perde de vista a dignidade como um princípio organizacional (Linfield, 2008:102. Tradução da autora).

## **Considerações finais**

Hannah Arendt pedia, nos anos 1960, que o nazismo fosse compreendido, no sentido que ela atribuía ao termo compreensão, como afirmamos antes. Depois de muitos anos, casos de linchamentos públicos trazem uma nova necessidade de compreensão. Compreender como chegamos ao ponto em que linchamentos são considerados normais e o que nos espera se continuarmos a agir sem reflexão.

A superexposição de imagens violentas está afetando a sociedade de diversas formas, desde o povo mais simples, que acha que fazer justiça com as próprias mãos é o correto, até aquele que não estão preocupados pela violência que acontece na sua frente, por ser mais interessante e recompensador filmar os acontecimentos. Os primeiros atuam pela descrença na justiça e os outros, pela fama e lucro. Os meios de comunicação fazem sua parte divulgando as imagens e recompensando os vídeos violentos. O único ponto em comum é a falta de sensibilidade para compreender o sofrimento alheio.

O escritor Guy Debord (1997) já dizia: “O espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos”. E os excessos da mídia, combinados com a alteração de valores morais na sociedade, têm se mostrado perigoso.

## Referências

ALESSI, G. CYMBALUK, F. Linchadores não acham que praticam crimes nem tentam esconder identidade. **UOL**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/05/09/linchamentos-ocorrem-em-areas-onde-o-estado-nao-age-dizem-especialistas.htm>> Acesso em: 09 mai. 2014.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. **Compreensão e política (As dificuldades da compreensão)**. In: Compreender: formação, exílio e totalitarismos. São Paulo: Cia. das Letras / Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 330-346.

CARDIA, Nancy. **Exposição à violência : seus efeitos sobre valores e crenças em relação a violência, polícia e direitos humanos**. Lusotopie, 2003 : 299-328. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down066.pdf> > Acesso em: 18 jul. 2014.

D’AGOSTINI, R. Dias de intolerância. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/dias-de-intolerancia/platb/#inicio>> Acesso em: 15 jul. 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2013.

# 10<sup>o</sup> interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

HUESMANN, Rowell L. **The impact of eletronic media violence:** scientific theory and research. Journal of Adolescent Health, n.41, p. 06-13, 2007.

HUESMANN, Rowell L et al. **Longitudinal relations between children's exposure to TV violence and their aggressive behavior in young adulthood:** 1977-1992. Developmental Psychology, v.39, n.2, p. 201-221, 2003.

LINFIELD, Susie. **The cruel radiance:** photography and political violence. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 2010.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda:** a mídia e a opinião pública. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** o espírito do tempo, I : neurose. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna:** intelectuais, artes e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

Mulher é espancada em frente ao filho de 2 anos em plena luz do dia, e ele tenta protegê-la. **Extra.** Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/mundo/mulher-espncada-em-frente-ao-filho-de-2-anos-em-plena-luz-do-dia-ele-tenta-protege-la-13041408.html>> Acesso em: 27/06/2014